

A ORALIDADE NO ENSINO DE LINGUA INGLESA NO FUNDAMENTAL II

Regiane Queiroz Alves (rehluan25@gmail.com)
Graduanda pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Reinaldo Ferreira da Silva (rfsilva@uneb.br)
Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar a relevância do ensino da oralidade da língua inglesa em sala de aula do ensino Fundamental. Ensinar a habilidade de falar uma língua estrangeira de forma clara, fluente e compreensível é essencial para que os alunos se tornem comunicadores eficientes e confiantes. No ensino da língua inglesa da educação básica, essa afirmação também pode ser considerada. O uso da oralidade na prática e no ensino das estruturas e vocabulário faz com que os alunos possam utilizar as quatro habilidades linguísticas em situações cotidianas e reais da língua como um fenômeno social, e não apenas como um sistema abstrato de signos com foco apenas na leitura e na escrita. Para a realização desta pesquisa, analisamos como os professores compreendem a importância de uma abordagem comunicativa em suas aulas e os motivos de eles não conseguirem colocá-la em prática, caso tentem desenvolver a oralidade do inglês nas aulas de língua inglesa. O embasamento teórico do presente estudo apoia-se na Linguística Aplicada, visando ao ensino de língua estrangeira. Aplicamos um questionário semiestruturado aos professores para a produção de dados. A pesquisa revelou que o ensino da oralidade da língua inglesa em sala de aula do Ensino Fundamental II é muito importante para uma aprendizagem satisfatória dessa língua e que os professores têm consciência e desejo de colocar em prática um ensino com essa abordagem.

Palavras-chave: Ensino de língua estrangeira, Língua Inglesa, Oralidade.

Introdução

Nos últimos anos, o ensino de língua estrangeira em escolas públicas vem sendo objeto de muitas pesquisas. No entanto, há poucos estudos sobre a relevância do ensino da oralidade da língua inglesa em sala de aula. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo verificar as abordagens comunicativas e metodologias adotadas nas aulas de língua inglesa no Ensino Fundamental II.

Este estudo apoia-se na Linguística Aplicada, um campo de estudo transdisciplinar, interdisciplinar e intercultural que identifica, investiga e busca soluções para problemas relacionados à linguagem na vida real, então, dentro deste campo, propomos trabalhar com o ensino de língua estrangeira.

A motivação para esta pesquisa surgiu a partir das observações e inquietações quanto às dificuldades que alguns colegas do curso de Letras Inglês apresentaram nas aulas a respeito da compreensão auditiva e da comunicação oral. A hipótese foi que a provável causa dessa dificuldade na oralidade com a língua inglesa se dá devido ao fato de o processo de aprendizagem e o contato com a língua inglesa desses colegas terem acontecido apenas quando estudaram em escola pública.

Muitos desses alunos entram no curso sem ter uma boa base na oralidade na língua-alvo. O único contato que tiveram com a língua inglesa foi o inglês oferecido na escola pública que lhes possibilitou conhecer uma dimensão muito ampla apenas com relação à gramática.

Em decorrência dessa constatação, foram formuladas duas perguntas-problemas que vão nortear esta pesquisa: Como os professores de língua inglesa de escola pública do ensino fundamental II estão desenvolvendo a oralidade dos alunos? Caso os professores não estejam trabalhando a oralidade como gostariam, quais são os fatores que estão interferindo para que isso aconteça?

Este artigo intenciona mostrar introdutoriamente os conceitos apresentados e a discussão entre alguns pensadores que fundamentam a questão da oralidade no ensino de língua estrangeira e, conseqüentemente, apresentar os resultados da pesquisa.

A oralidade no ensino de língua estrangeira

Por muito tempo, o foco do ensino de língua estrangeira era trazer uma dimensão gramatical pautada nas estruturas e regras através do uso do método gramática-tradução. Ao decorrer dos anos, foram surgindo novas preocupações com o ensino de língua estrangeira, provocando, assim, o surgimento de novas abordagens e métodos com a finalidade de ensinar a língua para fins comunicativos, então o ensino de língua estrangeira

começou a ocorrer dentro de um contexto em que o aluno podia ver seu uso em situação real.

Almeida Filho (2001) aponta que o ensino de língua estrangeira, com a preocupação em oferecer aos alunos oportunidades em desenvolver suas habilidades linguísticas, passou por um processo de melhoria após uma forte crítica à abordagem que predominava, o audiolingualismo. Conseqüentemente, evidencia-se uma nova abordagem, que ficou conhecida como Abordagem Comunicativa. Nessa perspectiva, o ensino da língua inglesa passa a tratar essa língua como instrumento de comunicação que se baseia na realidade linguística do aluno e visa a um equilíbrio comunicativo entre a língua em estudo e o aprendiz. Richards (2006, p.14) afirma:

Embora a competência gramatical fosse necessária para a produção de sentenças gramaticalmente corretas, a atenção se voltou ao conhecimento e às habilidades necessárias para usar a gramática e outros aspectos linguísticos de maneira apropriada para diferentes finalidades comunicativas como, por exemplo, fazer solicitações, dar conselho, sugestões, descrever vontades e necessidades e assim por diante. O que era necessário a fim de usar a linguagem de modo comunicativo era a competência comunicativa.

Apesar de os professores conhecerem a abordagem comunicativa, ainda é muito difícil aplicá-la em sala de aula. O que fica perceptível é que os alunos não vêm desenvolvendo a oralidade como deveriam e os professores não estão trabalhando as quatro habilidades comunicativas - ouvir, falar, escrever, ler - como gostariam nas escolas públicas. Por essa razão, Almeida Filho (2001) conclui que são necessárias mais pesquisas e trabalhos feitos na área de ensino e aprendizagem de línguas, o que nos permite ter uma maior compreensão sobre as razões que estão influenciando no ensino de língua inglesa.

No Brasil, uma das principais queixas dos professores de inglês nas escolas públicas são as salas lotadas e heterogêneas. Os professores, de forma geral, demonstram ter dificuldade de trabalhar de forma efetiva sua disciplina porque a quantidade de alunos por sala interfere diretamente no processo ensino e aprendizagem.

Para o professor de inglês, a falta de recursos didáticos e tecnológicos é um aspecto negativo para realizar uma aula efetiva, uma vez que a aula deve envolver

fundamentalmente atividades que propiciem a prática da língua. Além disso, o tempo da aula não favorece para que os professores consigam trabalhar a oralidade dos alunos, como muitos relatam, somente duas aulas semanais não são suficientes para que os alunos adquiram domínio da língua inglesa. Então, mesmo com várias possibilidades de se adotar uma abordagem comunicativa disponível, o método da gramática-tradução acaba sendo o mais viável para o professor usar na sala de aula.

Outrossim, os desafios que o professor de língua estrangeira tem com relação a sua fluência na língua por ele ministrada podem ser outra motivação para se evitar uma abordagem comunicativa nas aulas. Em suma, há muitos professores aptos a ensinar didaticamente, mas não estão preparados para falar a língua em sala de aula porque ainda se sentem inseguros com sua pronúncia; dessa forma, faltam mais recursos e investimentos à formação continuada dos professores de inglês.

Acerca desse ensino de inglês em escolas públicas, percebemos também que os alunos assumem uma postura que vem sendo tópico de muitas discussões. Eles não sabem nem percebem os benefícios de se falar uma língua estrangeira e, conseqüentemente, não se sentem motivados a estudar e ter um envolvimento mais aprofundado nas aulas.

Leffa (1988) argumenta que essa desmotivação dos alunos é resultado da reprodução de um discurso de que só é possível aprender inglês em escolas de idiomas. Além de não terem consciência da importância de se aprender uma língua estrangeira, os alunos não acreditam no seu sucesso como aprendiz.

O aluno poderá se sentir desmotivado para aprender a língua à medida que começa a perceber que não está conseguindo desenvolver a oralidade, conseqüentemente, todo o desejo despertado nele quando criança com relação ao entusiasmo de estar estudando uma nova língua será ocupado pela frustração por não ver nenhum avanço no seu inglês. Como Dornyei explica, a motivação requer um objetivo a ser alcançado,

As pessoas são motivadas desde que haja um objetivo a ser cumprido, não importando o tempo que levará para conseguir, desde que estejam dispostos a sustentar a atividade. Por isso, a motivação para o autor ao explicar sua complexidade é entendida por números de fatores que vão desde

necessidade como fome, financeira, como também valores de nível superior (liberdade) e crenças (fé em Deus) (Dornyei, 2001, p.7-8).

Em síntese, entende-se a motivação de aprendizes de língua estrangeira por meio da motivação extrínseca e motivação intrínseca. A primeira refere-se a uma motivação que vem do meio externo. A motivação intrínseca nasce dentro de cada um e independe de qualquer tipo de estímulo externo.

As habilidades comunicativas são os pilares para a compreensão de qualquer idioma, pois o aprendizado completo da língua perpassa não só por uma ou duas, mas pelas quatro habilidades linguísticas de comunicação.

Ensino de inglês no fundamental II

No ano de 2017, com a Reforma do Ensino Médio (Lei n 13.415, de 2017), o ensino de uma língua estrangeira se tornou obrigatório no Brasil a partir do 6º ano do Ensino Fundamental II. Antes dessa reforma, era facultativo às escolas decidir se a língua estrangeira ensinada aos alunos seria o inglês ou o espanhol, quando a escola só oferecesse uma língua estrangeira. Com a mudança, a escola precisa obrigatoriamente oferecer o inglês, caso só ofereça uma língua no seu programa.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) propõe que o ensino da língua inglesa no fundamental II seja organizado por eixos, sendo eles: a oralidade, envolve as práticas de linguagem em situação de uso oral da língua inglesa com foco na compreensão (ou escrita) e na produção oral (ou fala); a leitura, que aborda práticas de linguagem decorrentes da interação do leitor com o texto escrito sob o foco da construção de significados; a escrita, que considera dois aspectos do ato de escrever, processual e colaborativa; o conhecimento linguístico, que se consolida pela política de uso, análise e reflexão sobre a língua sempre de modo contextualizado e articulado e a serviço da prática de oralidade, leitura e escrita; e, finalmente, a dimensão intercultural que nasce da compreensão de que as culturas, especialmente na sociedade contemporânea, estão em contínuo processo de interação e (re)construção.

Como buscamos destacar no decorrer deste trabalho, desenvolver as habilidades linguísticas é fundamental para a aprendizagem da língua inglesa. Segundo Almeida Filho (2007), devem ser considerados alguns fatores extra sala de aula que, de alguma forma, intervêm na qualidade do ensino de LI, conforme apresentado na Figura 1.

Figura. 1-Principais fatores intervenientes no processo de ensinar e aprender outras línguas.



Fonte: Almeida Filho (2007, p.12)

A imagem traz um conjunto de fatores que influenciam no ensino de língua. O papel do professor é primordial para que o próprio aluno crie uma postura na sala de aula, refletindo no seu desempenho oral, pois este está ligado aos aspectos cognitivos, afetivos e motivacionais. De acordo com Almeida Filho (1988), na maioria das vezes, a escola torna-se a única oportunidade que o aluno possui para adquirir conhecimentos comunicativos na língua estrangeira, sendo ela o lócus em que o mecanismo para construir significados no idioma se realiza.

As habilidades linguísticas são os pilares que todos os alunos devem desenvolver na língua. A necessidade de trabalhar as quatro habilidades linguísticas é evidente, mas há muitos fatores que interferem para que o ensino de fato se concretize na prática.

Nos dias atuais, o ensino de língua inglesa se fortaleceu nas escolas, consigo a visão de que a disciplina de inglês é tão importante quanto as disciplinas de química, matemática, português. Mas ainda existe uma resistência por parte de alguns envolvidos no

espaço escolar na valorização desta disciplina. Neste contexto, os professores ficam desmotivados enquanto os alunos constroem a visão de que esta disciplina não é importante.

A produção de dados

Nesta seção, apresentamos os dados obtidos durante a pesquisa realizada com professores de Ensino Fundamental II de escolas públicas que ministram aulas de inglês. Foi aplicado um questionário semiestruturado e contamos com a colaboração de três participantes, os quais foram identificados com os nomes fictícios de Maria Clara, Pedro e José.

Questionamos aos participantes qual seria sua visão com relação à carga horária da disciplina de inglês e se eles a consideravam suficiente para desenvolver um trabalho completo de ensino. Perguntamos também se eles acreditam ser possível desenvolver todas as habilidades de comunicação (*speaking, listening, reading, writing*) durante as aulas. Estas perguntas tinham o intuito de confrontar as hipóteses que tínhamos antes de iniciar a pesquisa. Acreditamos que a carga horária seja um problema e acreditamos também que os professores não consigam colocar em prática seu desejo de ensinar as quatro habilidades linguísticas.

Ciente de que o principal motivo para o professor adotar uma abordagem comunicativa em suas aulas é a sua compreensão da importância de se trabalhar a oralidade durante a explicação dos conteúdos, pedimos aos participantes que nos apontassem uma (ou mais) das grandes dificuldades de trabalhar a compreensão e a produção oral durante as aulas de inglês.

Finalmente pedimos aos participantes que nos dessem sua opinião sobre quais seriam as principais causas de o professor de língua inglesa não conseguir trabalhar a oralidade (*speaking, listening*) nas aulas com os alunos como gostariam e, se mesmo assim, seria possível os alunos concluírem o Ensino Médio com eficiência, segurança na comunicação da língua estudada. Essa questão visa a reforçar a questão levantada anteriormente, se seria possível desenvolver as quatro habilidades nas aulas.

Análises dos dados

Os resultados que obtivemos com a aplicação do questionário mostram que alguns possíveis fatores que estão interferindo no ensino da oralidade debatidos na fundamentação teórica se correlacionam com algumas falas dos participantes.

A professora que se identificou como Maria Clara acredita que a carga horária distribuída para a disciplina de inglês não é suficiente, dada a grande quantidade de alunos presentes em sala de aula e enorme quantidade de conteúdos designados para cada segmento, além de o tempo de estudo em sala de aula não ser suficiente para o aluno desenvolver essas quatro habilidades.

O professor que se identificou como Pedro não aponta a carga horária como um dos fatores que está interferindo no ensino da oralidade em sala. Contudo, ele concorda sobre não ser cabível os alunos se aperfeiçoarem na língua se não houver uma iniciativa de ampliar o estudo fora da sala de aula. Assim, destaca a importância do auxílio do professor para que ocorra um bom desenvolvimento no aprendizado de inglês do aluno.

O último participante, identificado como José, manifestou acreditar que a falta de desenvolvimento da oralidade dos alunos se justifica pelo fato de o professor ter que atender uma grade curricular imposta pela escola que, muitas vezes, não corresponde ao que se pode considerar requisito para que o aluno desenvolva essa competência linguística. José ainda enfatiza o fato de os alunos serem preparados apenas para responderem provas e não para se comunicarem por meio da língua estrangeira.

Com base nas respostas, podemos observar que as respostas de Maria Clara e Pedro em algum momento convergem ao concordarem que a carga horária não favorece no ensino de inglês, principalmente pela enorme quantidade de conteúdos designados para cada segmento.

Ao falarem sobre as abordagens e métodos que utilizam em sala de aula, fundamentam a importância de o professor trabalhar por meio das abordagens comunicativas, visto que inserem o aluno em contexto real da comunicação, deixando de

ser robotizados, não utilizando respostas prontas, mas refletindo sobre a resposta ou pergunta que irá realizar.

Um outro ponto que chamou nossa atenção foi que nenhum dos participantes aponta a insegurança da pronúncia do professor como um dos fatores que interfere no ensino e aprendizagem do aluno. Apenas um dos participantes destaca e reconhece que o aluno motivado compactua com seu próprio desenvolvimento na língua.

Enfim, os resultados nos levam a concluir que as principais causas de o professor não conseguir trabalhar a oralidade como gostariam, não estão especificamente limitadas à sua vontade e preparo de suas aulas, mas em diversos outros fatores existentes que estão interligados direta ou indiretamente no ensino de inglês nas escolas públicas no fundamental II, como: a estrutura da sala de aula para atender a quantidade excessiva de alunos; a motivação por parte do aluno e também pelo professor; e a demanda de conteúdos programados para serem aplicados durante o semestre.

Considerações finais

Este estudo nos revelou que o ensino da oralidade da língua inglesa em sala de aula do Ensino Fundamental II é muito importante para uma aprendizagem satisfatória dessa língua e que os professores têm consciência e desejo de colocar em prática um ensino com essa abordagem.

Tanto os autores que usamos como sustentação teórica quanto a empiria dos professores revelam que a língua inglesa ainda é considerada pelo sistema educacional como mais uma disciplina da matriz curricular da escola e não como uma língua para uma comunicação internacional.

Referências

ALMEIDA FILHO. *O Estudo de Línguas no Brasil de 1978. E agora?* In Revista Brasileira de Linguística Aplicada, V 1, n.1: 15-29. 2001.

ALMEIDA FILHO. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 2007.

ALMEIDA FILHO, N. *Bases históricas da epidemiologia*. In: ROUQUAYROL, M. Z. (Org.) *Epidemiologia & Saúde*. 3 a Ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1988.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

DORNYEI, Z. *Motivational Strategies in the Language Classroom*. Cambridge Language Teaching Library. Cambridge University press 2001.

LEFFA, J.V. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1988. P. 211 – 236.

RICHARDS, Jack. *Communicative Language Teaching Today*. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.